

Revista ATUAÇÃO

REPORTAGEM

Formação acadêmica e ações necessárias ao Processo de Inclusão

ENTREVISTA

O papel da Educação Inclusiva na formação profissional

REPORTAGEM

Inclusão Social e mercado jornalístico

OPINIÃO

Deficiência visual e o ensino da fotografia, um percurso sobre o sentir



Querido leitor,

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA

Reitora

Prof.^a. Dr.^a. Célia Regina Diniz

Vice-Reitora

Prof.^a. Dr.^a. Ivonildes da Silva Fonseca

Centro de Ciências Sociais Aplicadas

Diretor de Centro

Prof. Dr. Geraldo Medeiros Júnior

Diretor Adjunto

Prof. Dr. Mamadou Dieng

Departamento de Comunicação

Social

Chefe de Departamento

Prof. MSc. Orlando Ângelo

Chefe Adjunta

Salette Vidal da Silva

Coordenação do Curso de

Jornalismo

Coordenador de Curso

Prof. Dr. Rômulo Ferreira de Azevedo Filho

Coordenador Ajunto

Prof. Dr. Luis Adriano Mendes Costa

ORIENTADORA

Prof.^a. Dra. Ada Guedes

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Verônica Oliveira

Prof.^a. Dra. Ingrid Fachine

TEXTO

Lais Fernandes

Maria Luiza

FOTOGRAFIA

Arquivo pessoal dos entrevistados

PROJETO GRÁFICO:

Maria Luiza

COLABORADORES

Cristianne Melo

Mateus Araujo

Essa é a Revista Atuação, e como o próprio nome elucida, ela tem como finalidade falar sobre presença, iniciativas e ações relativas à inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, sobretudo, no mercado de trabalho. A ideia desse periódico surgiu de duas alunas do curso de jornalismo, que em meio a um ambiente acadêmico, percebem que há muito o que ser feito para que alunos com deficiência consigam concluir uma graduação e se realizar profissionalmente.

A missão desse periódico é contemplar a realidade de pessoas com deficiência em diferentes áreas de atuação, sendo o campo do jornalismo o foco desta 1ª edição. Para isso, conversamos com estudantes, jornalistas, e demais profissionais da área, para entender como o mercado se apresenta em Campina Grande no que se refere à inclusão no âmbito profissional.

Nesse percurso, ouvimos relatos ora comuns, ora reveladores. Conhecemos personagens fortes e inspiradores, e ouvimos suas histórias, cheias de desafios, mas também repletas de audácia, iniciativa, superação e empatia. Não nos detivemos a estatísticas, pesquisas ou leis, mas às diferentes nuances do cotidiano dos sujeitos com os quais conversamos. As entrelinhas de suas vivências foi o que nos despertou interesse e acreditamos que despertará o seu interesse também. Pois é nas entrelinhas desses relatos que se percebe que inclusão é diferente de inserção e o mercado de trabalho, bem como a sociedade em geral, devem de forma urgente, estar abertos e preparados para uma inclusão verdadeira e efetiva.

Boa leitura!

QUEM SOMOS



Laís Fernandes

Filha de Maria Luiza e Ivaldo Fernandes, amante de animais e boas risadas com amigos e família. Aquela menina “quebra-galho” que gosta de ajudar qualquer pessoa em qualquer ocasião. Mas que sempre se machuca quando é para fazer o contrário. Quase jornalista, com alma de professora e com uma nova formação por vir, nunca quis parar de estudar por querer um futuro bom para a família, e para um bom futuro para si. Libriana, mais indecisa que todo mundo, escolheu dois caminhos acadêmicos para seguir, mesmo sendo chamada de doida. Mas, leva no coração que os doidos são os mais felizes. Jornalismo foi um caminho de indecisão na vida dela, mas que teve muitas experiências boas, realizações acadêmicas e ótimos amigos para a vida inteira. Trazer em seu caminho a vontade de contar histórias que o jornalismo a trouxe, faz todo sentido, e nada foi em vão. Hoje, ela pode agradecer por todo esforço feito até agora para a construção de sonhos que, quando era pequena, prezava tanto em conquistar.

Maria Luíza

24 anos, corajosa por natureza, desde os primeiros minutos de vida teve que lutar pela sua sobrevivência em decorrência de uma má formação na coluna vertebral. Apoixanada pela vida por tudo mais simples que há. Nascida e criada no interior de Barra de Santana, vinda de uma família com seis irmãos, filha de Dona Dorinha e Sr Luiz, leva para cada passo dado longe de suas origens o seu Provérbio preferido: "Peça a Deus que abençoe os seus planos e eles darão certo". Com apreço pelas artes, descobriu suas habilidades com os projetos gráficos e por tudo que envolva trabalho de edição, texto e montagem. Uma quase jornalista, que ao se deparar com tantas possibilidades na profissão descobriu que as causas sociais pelas quais luta e defende, podem serem discutidas e mudadas quando o verdadeiro jornalismo é feito, por isso, o compromisso e sentimento de realização na construção desta revista, e a certeza de que se pode aos pouquinhos, mudar o mundo ao seu redor.

- 5 Formação acadêmicas e ações necessárias ao processo de inclusão
- 9 Entrevista: O papel da Educação Inclusiva no Processo da Inclusão Social
- 14 Opinião: Deficiência visual e o ensino da fotografia, um percurso sobre o sentir.
- 18 Inclusão Social e Mercado Jornalístico
- 23 Perfis: "Nada sobre nós, sem nós"
- 26 Dicas
- 28 Crônica: A pessoa antes da deficiência

ÍNDICE

Formação acadêmica e ações necessárias ao Processo de Inclusão

Tecnologia assistiva, acessibilidade arquitetônica e preparo profissional são os principais meios de inclusão social dentro das escolas e universidades



Sala de aula com cadeiras vazias na Universidade Estadual da Paraíba.

Foto: Arquivo pessoal Maria Luiza

A velha percepção da deficiência como tabu ainda permanece numa sociedade que caminha lentamente rumo à inclusão. A ausência de discussões amplas sobre acessibilidade reflete diretamente na pouca conscientização de que pessoas com deficiência são aptas a desenvolverem suas atividades, uma vez que o ambiente no qual ela estiver for verdadeiramente inclusivo. Sabemos que os pequenos avanços e projetos leis de inclusão seguem aos poucos abrindo possibilidades de pessoas com deficiência frequentarem espaços públicos, de estudo e ambiente de trabalho. As leis de cotas tanto em escolas e universidades como nas empresas, são importantíssimas nesse processo.

A Lei Brasileira de Inclusão Art.28, parágrafo XIII assegura que o acesso à educação superior e à educação profissional e

tecnológica deve ocorrer em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas, isto inclui desde a construção de rampas, corrimões e elevadores (acessibilidade arquitetônica), à implementação de equipamentos em sala de aula com tecnologia assistiva e profissionais como intérpretes de língua de sinais.

Na Universidade Estadual da Paraíba, pessoas com deficiência visual ou baixa visão, por exemplo, são assistidas pelo uso dos recursos tecnológicos no desempenho de suas atividades. No entanto, ainda poderia haver melhorias, como relata Aryanne Felícia, estudante de Jornalismo: "Acho que deveria ter, pelo menos, um computador no laboratório para ajudar a pessoa que tem deficiência visual a ter uma autonomia.

“O curso de jornalismo na UEPB pra mim é um curso acessível, precisa de muitas melhorias, claro, disciplinas como design gráfico, por exemplo, se torna um desafio maior, justamente pela falta de um equipamento com um programa mais acessível. Eu não sei mexer no computador, mas se você me der um tablet ou celular eu sei me virar”, afirmou a estudante.



Aryanne e seu esposo caminhando pela rampa da Central de aulas da UEPB. Foto: Arquivo pessoal

O ex-aluno do curso de jornalismo, Aldair Rodrigues, que possui monoparesia dos membros inferiores, destacou que há necessidades de melhorias quanto a acessibilidade no campus: “Eu acredito que ainda pode melhorar muito, a acessibilidade tem muito o que evoluir. Elevadores que funcionem, sinalização, entre outros fatores”.

É imprescindível que todos os ambientes ofereçam infraestrutura adequada para as necessidades acentuadas nas condições físicas de cada ser humano. Ter profissionais que atuam de forma inclusiva é de total relevância, para que aos poucos, as pessoas com deficiência participem de fato na sociedade de forma efetiva. Nesse processo, o papel do professor faz toda diferença.

O jornalista Thércio Medeiros, que possui paralisia e faz uso de cadeira de rodas, citou como desafios cotidianos do período de graduação na Universidade Estadual da Paraíba, algumas barreiras arquitetônicas, além da falta de preparo de alguns profissionais em lidar com sua condição enquanto aluno: “O mais recente caso que lembro de uma situação desagradável foi no estágio obrigatório da UEPB, quando uma pessoa que estava responsável pela supervisão das atividades, a todo tempo me passava insegurança, medo de que eu quebrasse a câmera”, relatou Thércio.

Por outro lado, de acordo com o jornalista, boa parte dos professores, apesar de não terem nenhum tipo de treinamento, realizava um trabalho com dedicação para dar o máximo de assistência possível. Segundo ele, a atenção do professor de fotojornalismo, Rostand Melo, lhe permitiu se desprender do tabu que era utilizar uma câmera e usar as diversas percepções e meios que a fotografia permite sentir.

De acordo com o professor, a metodologia pensada tinha como objetivo justamente fazer com que o então aluno Thércio Medeiros, conhecesse suas habilidades adaptando-as dentro da disciplina: “Sempre busquei incluir todos os alunos nas atividades práticas, independente dos níveis de dificuldade, mas tentando adaptações. Ou seja, não substitua as atividades práticas por atividades teóricas por acreditar que se fizesse isso eu estaria gerando um contexto de exclusão ao invés de ajudar”, relatou Rostand.

Aryanne também ressaltou a atuação de alguns professores que desenvolveram um trabalho de diálogo e atenção com suas necessidades: “A disciplina de Telejornalismo com o professor Rômulo me abriu a mente de que eu podia exercer sim o jornalismo. Eu achava que não dava pra fazer as coisas, e o professor me colocou pra ser a editora de texto do telejornal produzido por minha turma, então, ali eu vi que quando o professor estava disposto a me ajudar e entender



Reunião de pauta para o jornal da turma do 4º período de jornalismo. Foto: João Augusto



Aula prática de radiojornalismo. Foto: Arquivo pessoal

O olhar atento e a escolha acertada de metodologias faz toda a diferença, já que nem sempre os docentes são assessorados para o trabalho inclusivo, como percebemos no relato do professor Rostand Melo: “Tentamos construir uma metodologia a partir das demandas e necessidades deles que ajudaram muito nesse processo, sempre conversando e apontando as demandas. Como não tive, pelo menos no meu caso, uma formação ou capacitação prévia sobre métodos de educação inclusiva, confesso que senti dificuldades, sobretudo, por se tratar de uma disciplina extremamente visual, a fotografia.

Segundo o professor e coordenador do curso de Jornalismo, Rômulo Azevedo, a presença desses alunos no curso só amplifica a necessidade das pautas que precisam ser trabalhadas na sociedade. Sobre jornalismo e acessibilidade, o professor afirma que jornalistas com deficiência têm total capacidade de exercer sua profissão: “Jornalismo é acima de tudo texto, então se um aluno é capaz de fazer um bom texto, ele também é capaz de estar numa redação. Se uma pessoa com deficiência visual for editor de texto no telejornal, ou uma pessoa com deficiência física for pra uma rádio, ela vai dar show”. Para o professor, “se o mercado de trabalho tiver boa vontade ele contrata, o grande problema ainda é o preconceito. Quando eu coloquei os dois alunos, Aryanne e Thércio, para trabalhar no telejornal da minha disciplina, tudo correu muito bem”.

Sabemos que as ações governamentais e institucionais para atender a demanda de alunos com deficiência caminham a passos lentos. Logo, esses alunos ficam a depender da conscientização dos que estão ao seu redor para que sejam vistos e incluídos. Nesse sentido, papel do educador interfere diretamente no desempenho do aluno em sala de aula.

A disciplina acaba exigindo a exibição de muitos exemplos fotográficos e, neste caso, incorporamos a descrição das imagens como algo frequente nas aulas. Tentei fazer de um jeito que não parecesse ser apenas para aluno A ou B, mas se tornar um hábito. Nos momentos em que esquecia de fazer alguma descrição, a turma lembrava. Na primeira experiência que tive, a aluna relatou que não conseguia ver as projeções no quadro, mas conseguia perceber as imagens se a tela do computador estivesse perto dela. Por isso, deixava o notebook sempre em cima da carteira dela”, relatou.

Percebemos portanto, que a iniciativa faz toda a diferença para a construção de uma sociedade inclusiva, seja ela governamental, institucional ou individual. No que se refere à UEPB, assim como em muitas outras instituições de ensino, ainda há muito

o que avançar em prol da acessibilidade, mas vale destacar também o que a Universidade oferece como suporte, a exemplo do NAI (Núcleo de Acessibilidade e Inclusão) e do Programa de Tutoria.

Núcleo de Acessibilidade e Inclusão

Vinculado ao Departamento da Educação do SEDUC, o NAI conta com impressoras braile, computadores com leitores de tela, escâner, lupas manuais, alguns materiais pedagógicos, jogos, e livros em braile. Através desses recursos, é prestada assistência aos alunos com deficiência em suas atividades pedagógicas disponibilizando materiais em braile e digitalizados. O núcleo visa melhorar a questão da acessibilidade na instituição, e em reunião em fevereiro de 2021 com a reitoria foram pautadas medidas de melhorias na infraestrutura e recursos tecnológicos para o desenvolvimento dessas ações de inclusão social dentro da Universidade.

Programa Tutoria Especial

O Programa de Tutoria Especial presta assistência tecnológica e pedagógica aos alunos com deficiência e tutores. A PROEST (Pró-Reitoria Estudantil) lança edital anual para seleção de alunos tutores. Os discentes interessados passam por seleção e sendo aprovados, atuarão como tutores de alunos com deficiência de modo a assessorá-los em atividades diversas no âmbito acadêmico. Atualmente em todos os campus da UEPB, 11 alunos são contemplados com o projeto enquanto os alunos tutores recebem bolsa e certificado referente a atividade desenvolvida.

“Desafios foram vários. Além de tentar interpretar o assunto e unir as ideias do que cada um entende sobre o mesmo assunto, como tudo o que se é trabalhado na Universidade tem o uso mais visual. Atender as necessidades dela (Aryanne), com o que a UEPB pode oferecer em relação a aluno, como suporte, participação em projetos. Encontrar informações corretas, com os setores adequados, ainda é uma das maiores dificuldades. Existem dois mundos diferentes: os dos alunos que não têm deficiência e enfrentam suas próprias dificuldades e perspectivas em relação a Universidade e os alunos com deficiência que enfrentam essas questões, mas que dependem do suporte da Instituição de forma geral, em relação ao material das disciplinas: tanto na teoria, quanto na prática”. Inabelly Araújo, ex tutora da aluna Aryanne Felícia.

ENTREVISTA



O papel da Educação Inclusiva na formação profissional

Um trabalho de pesquisa que visa derrubar os paradigmas que dificultam a inclusão social

Por que escolheu a Educação Inclusiva como tema central de suas pesquisas? Qual a importância dessa temática na sua vida profissional?

Primeiramente, quando me formei em Psicologia pela UNIPÊ - João Pessoa, eu fazia Fisioterapia na Universidade Estadual da Paraíba UEPB, ou seja, duas graduações ao mesmo tempo. Quando eu estava cursando Fisioterapia, tive o meu primeiro contato com pacientes com Paralisia Cerebral e pacientes com deficiência física que usavam cadeiras

motorizadas. Desde este primeiro contato, comecei a ver a importância de fazer um trabalho com eles, de escuta, de entender um pouco mais o paciente. Decidi então fazer Psicologia, e no primeiro ano, fiz um estágio em uma Escola Especial, chamada Pestalozzi, localizada em João Pessoa, no início dos anos 90.

Eduardo Onofre é professor na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB atuando tanto na graduação como na Pós-graduação. Possui formação em Psicologia pelo Instituto Paraibano de Educação (1996) e mestrado em Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal da Paraíba (2002). Tendo experiência na área de Educação e Sociologia, o professor Eduardo Onofre desenvolve pesquisas na área da Educação Inclusiva, é líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial na Perspectiva Inclusiva - GEPEEPI. Coordenador do Núcleo de Educação Especial da Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente é Editor da Revista Educação Inclusiva - REIN. Membro do conselho científico da Revista Inclusiones - Chile e da Revista Pasajes da Universidade Nacional Autónoma do México.

a época, tínhamos nesta escola muitos alunos com Paralisia Cerebral, com Síndrome de Down, Autistas, tinham todos os tipos de deficiência. Com este estágio, me encantei pela área, me apaixonei por esse mundo e passei a pesquisar cada vez mais. De lá, fui para o Instituto dos Cegos de João Pessoa, e nessa época - anos 90 - ainda não se falava muito sobre a Educação Inclusiva, pois era algo novo, começando a surgir no final dos anos 90, após a Declaração de Salamanca. Nos anos 2000, começa-se a ver uma participação da criança com deficiência na escola regular. Comecei, então, a acompanhar essas crianças, e ver a importância de se ter o contato e conhecimento, e também reconhecer as habilidades e potencialidades das pessoas com deficiência dentro da escola. Se a gente coloca a pessoa com deficiência somente na escola especial, não daremos a devida visibilidade a essas pessoas diante da sociedade. É extremamente importante a educação inclusiva, pois a partir dela, a sociedade vai conseguir ver as habilidades da pessoa com deficiência. No curso de Jornalismo da UEPB, nós temos dois alunos com deficiência visual, um aluno com Paralisia Cerebral, e podemos ver como é importante - no meio acadêmico - as pessoas verem as habilidades desses alunos, perceber que eles tem potencial para exercer a profissão. E essa visibilidade é dada através da Educação Inclusiva. Por isso, minha linha de pesquisa é a Educação Inclusiva, que veio para romper velhos estigmas, pois existem muitos estigmas de que a Pessoa com Deficiência não tem capacidade de terminar uma graduação, ou que tem muitas limitações. Mas todos nós temos. Não há impedimento para que uma pessoa com deficiência visual termine um curso na Universidade. [...] A Inclusão Social só se dá através da Inclusão Escolar. Então, meu interesse veio nesse sentido, de trabalhar e estudar meios de

Inclusão, e publicar meus trabalhos nessa área. Fiz concurso na UEPB, em 2003, como professor, e vi a importância de apresentar e publicar meus trabalhos. [...] A gente aprende muito com a diversidade.

Como membro de revistas internacionais de produção científica de universidades do Chile e México, você tem conhecimento do que se pratica nestes países. Comparando com o Brasil, como está a situação de nossas instituições de ensino superior quanto à educação inclusiva?

É importantíssimo grifarmos que o Brasil é um país multicultural, não tem como trabalhar apenas com o currículo único nacional. A nossa cultura e base é essa diversidade, não podemos escolher um só viés, não podemos ser fundamentalistas. A Educação Inclusiva quebra esse fundamentalismo. Em termos de América Latina, dei aula sobre Educação Inclusiva em uma Faculdade Chilena, chamada AUSTLAL. Lá eles tem um trabalho fantástico com os povos originários - os indígenas, e me encantei por esses trabalhos também. [...] Na Argentina, eles têm um trabalho muito forte com a Escola Especial muito forte, assim como com a Escola Inclusiva, e o maior avanço do país foi justamente as parcerias da Escola Regular com outras Instituições de pessoas com deficiência, e é isso que falta no Brasil.

O grande problema é que as escolas brasileiras vivem “dentro de um muro”, preparam as crianças para o ENEM, e não tem parcerias. E não existe uma Educação Inclusiva sem parceria. É extremamente importante que a gente monte uma rede de parcerias, que a Escola Regular crie

“ não devemos deixar que a deficiência do outro apareça, e se a deficiência do outro for empecilho para a inclusão, o problema é esse espaço

parcerias com Instituições como a APAE, com o Instituto dos Cegos. Em Campina Grande, temos uma escola pública, chamada Augusto dos Anjos, que tem justamente essa parceria e suporte com o Instituto dos Cegos e possui uma boa estrutura para alunos com deficiência visual. A partir disso, no Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, o NAI, da Universidade Estadual da Paraíba, temos duas impressoras em Braille e damos o suporte para essas escolas que têm alunos cegos.

Temos que ver que a aprendizagem não é só cognitiva, é também afetiva, social, e psicomotora. Uma das grandes barreiras das escolas, no Brasil, é justamente trabalhar de forma isolada. O preconceito ainda é muito forte com o aluno com deficiência, pois os estigmas são muito fortes - limitações, habilidades -. Essas concepções têm que ser quebradas na sociedade brasileira, para assim podermos promover essa Educação Inclusiva. Outro grande problema está na formação inicial e continua dos professores.

Os professores têm que priorizar também o uso de materiais adaptados para essas pessoas, e trabalhar com material acessível.

Vi que na Universidade do Chile e na Universidade Tecnológica de Santiago, há um Núcleo muito importante de Educação Especial que cria materiais adaptados para pessoas com deficiência, como imagens em alto-relevo. Sempre digo que: não devemos deixar que a deficiência do outro apareça, e se a deficiência do outro for empecilho para a inclusão, o problema é esse espaço. Ou seja, se na escola, uma criança cega não está aprendendo em razão de sua deficiência, é porque a escola não foi eficiente de responder às necessidades educacionais daquela criança. Se a escola não responde às necessidades desse aluno, a escola é deficiente.

Como funciona o Núcleo de Educação Especial da Universidade Estadual da Paraíba?

A gente tenta trabalhar com a inclusão de todos os alunos, temos 2 intérpretes de línguas de sinais. O núcleo dá todo o suporte. Temos um grupo de pesquisa para discutir vários textos de educação inclusiva, como também o momento de escuta dessas pessoas para entender suas questões, imprimimos todo o material em braille e salvamos em pendrive. Temos parceria com o pessoal de geografia da UFCG que dispõe de materiais em alto relevo.

Auxiliamos os professores a construir um glossário porque a língua de sinais tem muitos termos que não tem o sinal conhecido, por isso é preciso construir esses sinais para o entendimento desses alunos. Contamos com a parceria com algumas instituições como a APAE, Instituto dos Cegos, FCD (Fraternidade Cristã dos Deficientes).

O empecilho que a gente nota é que alguns professores não compreendem a deficiência do aluno, e por vezes não é fácil convencer o professor de que um aluno com TDAH necessita se levantar, dá uma volta. A gente trabalha com o diálogo com os professores, procuramos ver com as coordenações, pró reitorias de graduação.

Atualmente temos um técnico em educação especial, Glaucio Costa, temos intérpretes

contamos com o trabalho de Alindembergue Araújo que é revisor em braille, e temos três professores surdos na UEPB, Ricardo Ferreira, Helena Pimentel e Kledson de Albuquerque. Damos suporte a eles também porque chegam com uma demanda que temos que auxiliar, por exemplo, nas aulas remotas os alunos escrevem no chat e eles entendem muito pouco porque o surdo escreve de forma diferente.

Você é editor da Revista Educação Inclusiva - REIN, desde 2017, além dessa ferramenta de divulgação científica, quais outros meios você utiliza para fazer circular os resultados de suas pesquisas?

É uma parceria com a professora Sandra Fernandez do Chile. A gente trabalha fortemente nessa revista para dar visibilidade à educação inclusiva. Temos o Congresso SINTED onde trabalhamos esses projetos e recebemos pesquisadores de Portugal, França, Espanha. Também há a Jornada Chilena Brasileira onde discutimos a inclusão e direitos humanos no Brasil e no Chile. Neste evento, professores da escola regular participam e abre uma riqueza de discussões. E os outros meios são os projetos de extensão no Núcleo, o Pibic, estagiários do mestrados em Ciências da Educação e Matemática, e o Solidaris que é um projeto internacional com duas universidades brasileiras, a UPE e a UEPB.

Não tem como fazer a educação inclusiva sem ter uma rede de parceria e nessa questão temos grandes pilares: ensino, pesquisa, extensão e internacionalização.

Existem dificuldades de colocar ações e projetos em prática, conforme idealizados? Quais?

O núcleo tem parcerias com universidades do Chile e com a Febrero. Fazemos parte dessa rede de educação inclusiva norte americana. Não tem como fazer a educação inclusiva sem ter uma rede de parceria e nessa questão temos grandes pilares: ensino, pesquisa, extensão e internacionalização.

Como se dá a participação e o interesse do público nas pautas?

Os alunos procuram bastante suporte no núcleo, sempre deixamos claro todo o suporte pedagógico, já tivemos estagiários de psicologia auxiliando também. A Apae também pediu pra gente atender alguns alunos, mas pela questão geográfica por a UEPB ser longe as pessoas não tinham condições para se manter, mas a procura da comunidade acadêmica é muito boa como também os professores que nos pede ajuda, é um trabalho que vai muito além da sala de aula.

Você esteve com a jornalista Anelyze Aparecida em alguns dos seus trabalhos durante a graduação com temáticas sempre voltadas para a Inclusão Social. Pode nos falar sobre jornalismo e acessibilidade?

Anelyze também nos procurou bastante na construção tcc e o pessoal da codecom também nos auxiliam em muitas gravações. E vocês de jornalismo tem toda técnica na área, e o jornalismo acessível faz toda diferença... Anelyze fazia todo o trabalho de divulgação do Núcleo, onde alimentava a página com muita habilidade...

Como avalia a atuação de jornalistas com deficiência atualmente no mercado de trabalho?

Assim como em todas as áreas, ainda se tem muito a que aprender, deve-se extinguir mais um jornalismo acessível para todos e enfatizar a questão das habilidades da pessoa com deficiência, é importante aquela intérprete no cantinho da tela... O jornalismo é uma das principais vias para traçar caminhos de inclusão, tem o poder pautar mais sobre a necessidades dessas pessoas e alcançar mais o público e acho que o jornalismo deveria estar mais à frente no quesito de ajudar na inclusão social.

Em decorrência da pandemia do Novo Corona Vírus, esta entrevista foi gravada por videochamda pelo Google Meet.

Deficiência visual e o ensino da fotografia, um percurso sobre o sentir.

Por Cristianne Melo



Cristianne Melo é coordenadora do projeto A fotografia e o Sentir e professora efetiva do curso de Arte e Mídia – UFCG. Doutoranda em Educação Artística pela Universidade do Porto, investiga o ensino da linguagem fotográfica junto as pessoas com deficiência visual.

Cegueira e imagem parecem não pertencer ao mesmo universo. Comumente entendemos como paradoxal as reflexões imagéticas destinadas as pessoas com deficiência visual, tal panorama torna-se ainda mais complexo quando envolve a produção de visualidades. Há um discurso visual hegemônico que silencia as pessoas cegas e com baixa visão, desta forma elas se calam sobre suas experiências visuais e a expansão deste campo é impedida.

Pensemos nas ações fomentadas pela cultura visual, é notório que os requisitos para inclusão e acessibilidade são minimizados e o exercício de cidadania, na participação social, cultural e comunicacional, torna-se restrito. Vivemos uma

realidade marcada por esforços individualizados, pouco investimento em recursos para a inclusão e invisibilidade social.

Contudo, nossa relação com a imagem vai além da visão, envolve imaginação, vários sentidos e visualidades rememorativas. Fotógrafos cegos ou com baixa visão afirmam fotografar por meio de um conjunto de sentidos, muitos ressaltam que existe uma totalidade corpórea que olha. A produção de conhecimento é multissensorial, na qual a criação fotográfica não se refere apenas à visão, ela envolve tempo, espaço, sons, formas, texturas, cheiros, entre outros.

Evgen Bavcar conheceu a fotografia aos 16 anos, momento em que já não possuía visão e encontrou no som, no tato e na dimensão espaço-físico seus nortes criativos. O fotógrafo esloveno ressalta que prefere criar suas próprias imagens, a aceitar passivamente a imaginação do outro. Em suas fotografias, a compreensão sobrevisão, cegueira e invisibilidade são refletidas, a foto criada flutua entre o real e o lúdico, em um estado por ele defendido como uma transcendência imagética. Entretanto, Bavcar não é o único.

João Maia, brasileiro, nascido em Bom Jesus – Estado do Piauí, foi o primeiro fotógrafo profissional com deficiência visual a registrar uma paralimpíada, fato ocorrido no Rio de Janeiro no ano de 2016. A pouca relação de cores e vultos que consegue enxergar ganham potência expressiva e sensível em suas imagens. João Maia explicou que após receber as informações que um assistente lhe transmite - como a posição do atleta na raia da piscina e descrição da roupa que veste -, tudo é percepção, é audição, olfato, tato. A fotografar é, então, uma experiência sensorial.



Alunas do curso de Arte e Mídia - UFCG e aluna do Instituto dos Cegos em uma vivência fotográfica. Foto: Cristianne Melo



Aluno do Instituto dos Cegos fotografando com smartphone e monitor da UFCG realizando a descrição da imagem. Foto: Cristianne Melo



Alunos do projeto A Fotografia e o Sentir lendo a maquete tátil e sonora do Parque do Povo. Foto: Cristianne Melo

Aspirando desenvolver a prática fotográfica aliada à educação inclusiva, nasceu o projeto A fotografia e o sentir, uma ação de Extensão da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, que tem por objetivo promover a produção e recepção fotográfica junto aos alunos do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste - IEACN, situado na cidade de Campina Grande (PB).

Nosso objetivo centrava-se em propiciar ao aluno não vidente o papel de fonte emissora e criativa, incentivando sujeitos autônomos e construtores do próprio conhecimento, defensores de suas identidades e lutas. Ao longo de um ano, os alunos do IEACN participaram de vivências fotográficas, suas ações envolviam principalmente, as percepções sonoras e táteis, além da semântica textual. Contudo, eles foram além, apontaram que o conhecimento se constrói no coletivo, que as faculdades do sentir são tão importantes quando o intelectualismo, ergueram relatos visuais que expandem nossa compreensão sobre o ver.

Promoveram fotografias por visões interiores e rememorativas, que ao serem expostas perturbam o entendimento sobre tempo, imaginação, símbolos e representação. Materializaram sensações que o corpo capta, percebe e sente, ao apertar o botão disparador quando ouviam um som interessante, ou um cheiro que lhes tocassem. São imagens que registram qualidades perceptíveis, e que nos desmontam de construções sociais oculocêntricas e excludentes.

Há nestas breves linhas e neste projeto, uma defesa do sentir no universo da fotografia, e quando aplicada ao ensino inquieta uma prática instrumentalizada, que se solidificou na propagação de aspectos técnicos, regras compositivas e metodologias analíticas. Propomos a integração de sensibilidades, ao desenvolvimento cultural e intelectual, bem como a valorização de processos sobre o fazer, escutar, ouvir, entender o corpo. Compreendemos também que ao promover o desenvolvimento coletivo, buscamos equiparar as oportunidades nas experiências educativas e artísticas.

Inclusão Social e mercado jornalístico



Arthur Macedo em seu local de trabalho. Foto: arquivo pessoal

INCLUSÃO SOCIAL

Classe gramatical: substantivo feminino
 Separação silábica: inclu-são so-ci-al
 “Conjunto de ações que procuram dar acesso aos benefícios da vida em sociedade (saúde, educação, emprego, direitos) para indivíduos que, por algum motivo (classe social, educação, deficiência, opção sexual, raça), encontram-se desfavorecidos em relação ao sistema vigente na sociedade”

Acessibilidade, motivação diante do preconceito social e a padronização da beleza do jornalista são principais pontos que geram a desinclusão diante do mercado jornalístico

Falar sobre Inclusão Social é algo recorrente nos dias de hoje. Uma visibilidade que o assunto adquiriu através de muitas lutas e ações, não obstante ao fato de que no Brasil, as leis asseguram direitos específicos às pessoas com deficiência. O atendimento prioritário, o direito ao transporte e à mobilidade, à educação e ao trabalho inclusivo, ao esporte, ao turismo, ao lazer e à cultura, são alguns desses direitos.

No que se refere ao trabalho, uma das atividades necessárias ao pleno exercício da cidadania, a prática nem sempre condiz com o que nos asseguram as leis. De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), art. 93 da Lei nº 8.213/91, é obrigatório que as empresas, que tenham mais de 100 empregados, possuam pelo menos uma parcela de profissionais que se enquadram como pessoas com deficiência (PDC).

Mas o questionamento importante a ser tratado nesta edição é: Há inclusão de profissionais com deficiência dentro do mercado de trabalho jornalístico em Campina Grande?

De acordo com a Gestora de Gente e Gestão na Rede Paraíba de Comunicação, Suzana Araújo, sempre houve possibilidades e vagas para pessoas com deficiência dentro do ambiente jornalístico, mas o que realmente falta é a procura desses profissionais para trabalharem na área. “Quando se fala de acessibilidade, e alguns tipos de deficiência, a TV Cabo Branco tem uma pessoa que fala em Libras e que auxiliaria algum profissional com deficiência visual, por exemplo. Acessibilidade é isso, não é somente a rampa, e banheiros preparados para pessoas com deficiência física, de acordo com a legislação. Mas, mesmo assim, não há muita procura desses profissionais”, diz Suzana.

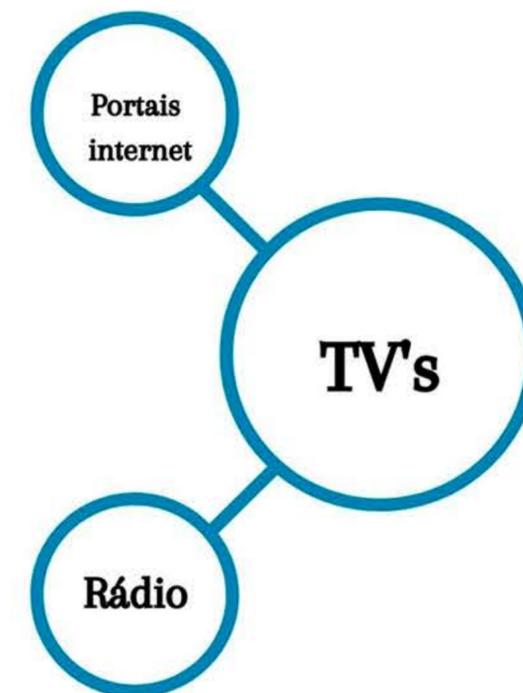
Durante muitas de nossas pesquisas conseguimos perceber que há esse paralelo entre a percepção das empresas se mostrarem aptas a diversas mudanças e a baixa procura desses profissionais com deficiência por vagas para jornalistas nas grandes empresas. Suzana mostra um aspecto revelador do contexto. “A Rede Paraíba sempre esteve aberta a acompanhar essa evolução de um mercado que precisa absorver essas pessoas. Agora, o que eu vejo é a baixa procura, a baixa disponibilidade, eu não tenho encontrado esses profissionais. E quando a gente abre vaga para Pessoas com Deficiência, nunca vem jornalista.



Otto Souza em seu trabalho. Foto: Arquivo pessoal

Otto de Sousa Moreira, é um Radiojornalista com deficiência visual que trabalha na área há quatro anos. Atuou parte de sua trajetória como jornalista dentro de uma Web Rádio criada por ele e um amigo, se identificando melhor como locutor. Hoje, faz parte da equipe da Rádio União, fundada pela Empresa Paraibana de Comunicação, onde trabalha como revisor de braille, atuando na parte de leitura e escrita das matérias da Rádio para deficientes visuais.

Emissoras entrevistadas



Vêm sempre pessoas da área administrativa, mas de jornalismo nunca”. Mas Suzana não foi a única profissional atuante no jornalismo com essa perspectiva sobre o cenário. Conversamos com outros profissionais, de diversas empresas jornalísticas da cidade de Campina Grande, e o resultado foi inesperado. Muitos disseram desconhecer a existência de pessoas com deficiência com formação e habilitado para atuação como jornalista.

Quando o questionamos sobre a inclusão social no mercado de trabalho jornalístico, ele destacou que “É bem complicado, realmente há uma ausência de pessoas com deficiência na área. Muitas vezes, os deficientes tendem a procurar outros meios de exercer a profissão, por meio das plataformas digitais por exemplo, como a webrádio, onde exerço a minha função como radiojornalista”.sido

Otto frisou pontos importantes que podem ter sido, na opinião dele, um pontapé para uma dificuldade de encontrarmos pessoas com deficiência dentro do jornalismo. “Vejo que muitas vezes, a falta de conhecimento das próprias leis por parte dos empresários, a falta de fiscalização nas empresas, a falta de confiança dos empresários diante da capacidade de uma pessoa com deficiência – mesmo que mostrem que sabem muito bem exercer a função com capacidade –, o preconceito e a falta de oportunidade, são fatores que contribuem com a ausência

de pessoas com deficiência atuando na área jornalística”.

Arthur Macedo possui deficiência física e trabalha como jornalista há 12 anos, é editor de vídeo da TV Itararé em Campina Grande. Diante da discussão, Arthur trouxe apontamentos específicos para o tratamento de pessoas com deficiência no jornalismo. “Como editor de vídeo, talvez a falta de conhecimento da área, mas como jornalista, a questão estética conta muito na hora de aparecer ou vender a imagem no vídeo, o preconceito não só pela discriminação por ser deficiente, mas pela aparência em geral.

É uma área que tem que ser rompida, porque só querem com "beleza" para atuar principalmente como repórter ou apresentador. Então, para mim, esse é um dos maiores fatores”, aponta Arthur sobre a ausência de jornalistas com deficiência atuando nas televisões.

Para Arthur, não se trata de descumprimento de leis que assegurem o espaço para essas pessoas, mas uma questão cultural relacionada a padrões estéticos. “Acho que as empresas de telecomunicação, só dão oportunidades a pessoas com deficiências para atuar em setores de redação ou escritório, e só colocam para apresentar um programa se for pra fazer média com a população.

As oportunidades para o mercado não poderiam ser oferecidas por conta de uma cota, mas pela capacidade do profissional. Pois hoje posso bater no peito e dizer, cheguei aqui pela minha capacidade e não por cota, pois não fui contratado dessa forma”.

Mas, e quanto aos jornalistas formados que ainda não conseguiram uma oportunidade de emprego dentro deste mercado? O que pensam quem está do outro lado desse contexto?
- Conversamos com alguns jornalistas e as razões pelas quais afirmam não estarem inseridos no mercado são distintas, mas convergem em um ponto: desmotivação para as seleções das empresas de comunicação.

Thércio Medeiros, recém-formado em jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, cita o descontentamento ainda com a acessibilidade de alguns locais. “No meu caso, um dos pontos é a acessibilidade. Tem alguns lugares em Campina Grande, grandes empresas, nos quais não consegui encontrar acessibilidade, já que em muitos desses lugares tinham escadas e não tem como passar com cadeira de rodas em escadas”, contou Thércio.

Além do quesito acessibilidade, outra questão que se discute há muito tempo é o padrão estético para a seleção de cargos como repórter ou apresentador de televisão ou rádio.

Aldair Rodrigues, jornalista e fotógrafo, afirma que isso não se restringe à cidade: “Não vou falar só de Campina Grande, mas a nível nacional. Quando falamos de jornalismo, o que nos vem à cabeça é logo a Televisão. Então, acredito que ainda seja uma super barreira vermos jornalistas com algum tipo de deficiência figurando em telejornais ou em qualquer programa televisivo. Essa barreira precisa ser superada. Eu mesmo tive muita vontade de trabalhar na TV, e modestamente falando, eu sabia que tinha e tenho potencial, mas é notório que ainda não há espaço, e volto a repetir: “É necessário quebrar essa barreira”.



Arthur Macedo e sua equipe de trabalho da TV Itararé. Foto: Arquivo pessoal

O cenário é, portanto, complexo e não se limita apenas a identificar se as empresas cumprem ou não as leis, se estão de portas abertas para esses profissionais, - e algumas estão pois a questão perpassa fatores que vão desde a simples instalação de uma rampa que garanta acessibilidade, a algo

mais arraigado que é a mudança de paradigma quanto a padrões estéticos. O que resulta no desestímulo, no desânimo daqueles que estão aptos para o trabalho.

LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO - 13.146/2015 ART. 98

Cabe reclusão de até 5 anos para quem negar emprego à pessoa em razão de sua deficiência

Byanka Andrade é psicóloga e aponta um caminho para esse impasse através da ressignificação do ambiente de trabalho para com o profissional com deficiência: "Não se trata somente de inserir a pessoa com deficiência no ambiente laboral. Se trata de incluí-la, de acolhê-la, de resguardá-la da sensação de desvalorização. Pois a exposição diária a uma experiência de exclusão e depreciação atravessa diretamente a saúde mental desses sujeitos, podendo produzir efeitos moduladores sobre sua autoestima, sua autoimagem, seus modos de existência, de subjetividade e de relacionamento".

Byanka afirma ainda que "não é uma questão somente individual, é social. Não é individualizar o problema, tratá-lo como tal, e não como um problema social". Nesse sentido, entendemos que não se trata somente de uma adaptação individual de reconhecimento de capacidade de talento, de

imagem, mas de necessidade de mudança na sociedade. Uma mudança que também deve se fazer presente nas empresas, como defende Suzana Araújo, da Rede Paraíba de Comunicação: "A partir do momento em que a gente consegue incluir um profissional com deficiência ou qualquer outro tipo de inclusão, a gente está incluindo o profissional, o ser humano. É um aprendizado tanto para ele, quando para a empresa".

Pensamos, portanto, como o jornalista Aldair Rodrigues que reconhece os reveses desse cenário, mas sugere a iniciativa e a segurança: "[...] quando sabemos do nosso potencial, nada nos desestimula, mas que sabemos das dificuldades e isso nos faz pensar que será bem mais difícil, é fato. Mas torno a dizer: o primeiro passo e mais importante, é acreditar no nosso potencial".

"Nada sobre nós sem nós"

Protagonistas de suas próprias histórias, profissionais e estudantes de jornalismo compartilham suas experiências e visão de mundo

Não poderíamos deixar de abrir espaço para falar sobre quem entende do assunto de inclusão social e luta pela causa. É preciso falar com e sobre eles e suas formas de atuação numa sociedade em que ainda possui tantas barreiras arquitetônicas e sociais. É compartilhando das experiências destes três personagens, que em suas particularidades possuem limitações, mas sobretudo, possuem habilidades, conhecimentos e vontade de ter um mundo com acessibilidade, que entendemos que a realidade ainda tem muito a ser mudada.



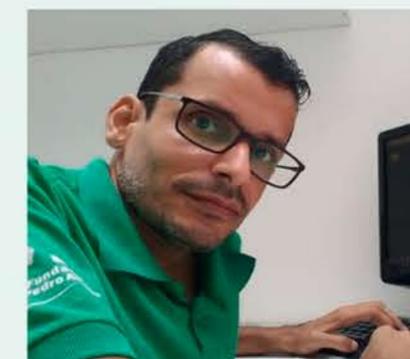
**ANNELYEZE
APARECIDA**

Jornalista e Escritora



**ARYANNE
FELÍCIA**

Assessora e estudante de jornalismo



**ARTHUR
MACEDO**

Editor de imagens

"Somos vistos como pessoas que precisam ser curadas, a deficiência vem sempre na frente e logo julgamos como tabu para exercer alguma função"

"O Jornalismo que abre portas é o mesmo que fecha, as palavras tem muito poder de mudar todo um contexto de alguma situação, é uma responsabilidade que precisa muito ser levada a sério"

"Não devemos ficar para sempre guerrilhando contra algo que nos deixa parado e não no ideal, que seria nossos objetivos..."



Annelyze Aparecida

Jornalista formada pela Universidade Estadual da Paraíba, Annelyze Aparecida, 25 anos, pós graduanda em marketing, é também escritora e desenvolve projetos pautados em inclusão social em suas plataformas digitais. Annelyze possui deficiência oralizada (surdez moderada) e é apaixonada pela escrita, fotografia, desenhos e música.

Como todo bom jornalista, instigada pela curiosidade e senso de justiça, Annelyze desde sempre esteve engajada em atividades e projetos no meio acadêmico que pautassem a deficiência e a acessibilidade. Sempre em busca de sua independência, seus trabalhos na literatura foram construídos a partir de iniciativa própria, ao todo, já publicou quatro livros, três impressos: "Histórias para toda vida", "O diário da Cachorrinha Pandora" e "A fantástica orquestra aceitação" e um ebook, intitulado: "Mídia e Deficiência".

Sobre o cenário de atuação de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, a jornalista afirma que o principal problema é que a sociedade sempre coloca em cena, a pessoa com deficiência a partir do "coitadismo", o que ela cita como modelo médico da deficiência: "Somos vistos como pessoas que precisam ser curadas, a deficiência vem sempre na frente e logo julgamos como tabu para exercer alguma função", afirma. Com isso, a jornalista liga diretamente a problemática à desinformação enraizada ao preconceito e ao capitalismo que embarga a inserção da pessoa com deficiência dentro da empresa.

Annelyze é proativa e sua atuação sistemática, constante e politizada reflete em seus trabalhos, que só reforçam o quanto a comunicação inclusiva é importante em todos os ambientes. O compromisso de educar e conscientizar que existem pessoas que possuem necessidades diferentes umas das outras, é pauta e além de tudo respeito com a diversidade. Como já reafirmou a jornalista em um de seus trabalhos que cumpre esse objetivo de competência teórica e metodológica, ainda há muito pelo que lutar para que o jornalismo e outras áreas da comunicação social possam contribuir de forma eficaz e competente, para os vários níveis de inclusão social na sociedade contemporânea.



Aryanne Felícia

A forma de enxergar o mundo se adapta de acordo com cada ser humano, e para quem tem deficiência visual como Aryanne, o "ver" precisa ser antes "sentido". Aryanne Felícia, 27 anos, é estudante de jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba e tem deficiência visual. É sobre essas lutas e desafios para sentir o mundo mais acessível, que a estudante de Jornalismo busca na sua profissão, oportunidades de pautar a inclusão social e contribuir para uma sociedade capaz de incluir verdadeiramente.

Atualmente, Aryanne presta assessoria digital para o Instituto dos Cegos, produzindo conteúdo e alimentando as plataformas digitais da instituição. É um trabalho voluntário em conjunto com seu esposo Adriano Nazário, que também é estudante de jornalismo e possui deficiência visual.

Sempre estudou em escola pública, ambiente que Aryanne destaca como representativo de uma das melhores fases de sua vida. Apesar de não ser uma instituição devidamente preparada para receber alunos com deficiência em quesito de infraestrutura e equipamentos, foi onde ela se sentiu acolhida e conseguiu construir vínculos importantes com outras pessoas. A estudante faz um paralelo entre a escola e a faculdade com realidades bem distintas: "Na escola eu tinha amigas de verdade mesmo, que nenhum momento me fazia sentir uma pessoa impossibilitada, já na faculdade eu senti meio que o contrário, tem suas exceções claro, mas o preconceito dentro da universidade é bem maior".

A universitária menciona o jornalismo enquanto ferramenta de democratização, portador de um importante papel social. "O Jornalismo que abre portas é o mesmo que fecha, as palavras tem muito poder de mudar todo um contexto de alguma situação, é uma responsabilidade que precisa muito ser levada a sério"

Sobre atuação na área, Aryanne se identifica muito com o telejornalismo, campo de atuação que a estudante teve contato quando cursava o 4º período de jornalismo na universidade. Atuou como editora de texto em laboratório de telejornalismo durante a disciplina e descobriu uma habilidade que, até então, para ela seria impossível.

Para quem pretendia cursar fisioterapia, Aryanne seguiu por um ramo totalmente diferente, mas sabe que na área de comunicação pode encontrar formas de ajudar tantas outras pessoas que lutam pela mesma causa que a sua: a busca por igualdade e oportunidades de condição de vida melhor.



Arthur Macedo

Carlos Arthur de Lima Macedo, 42, é editor de imagem e Possui uma trajetória de vida cheia de evoluções pessoais, as quais se orgulha muito em contar. Nasceu com deficiência física, mas isso nunca foi uma pedra no sapato. Sempre quis romper com padrões de uma sociedade, por vezes, preconceituosa Mesmo com os cuidados especiais dos pais, sempre se esforçou para que o zelo fraternal não incorresse em superproteção. "A deficiência na realidade, para mim, era uma ponte para vencer as dificuldades. Não conseguia andar de bicicleta ou de skate, corri atrás e consegui andar. Diziam que eu não conseguiria jogar bola, e eu fui atrás e consegui", diz Arthur.

Desde criança, ele sempre gostou de ser tratado como qualquer outra criança. Aos 15 anos perdeu sua mãe e desde então, assumiu a responsabilidade de trabalhar para auxiliar financeiramente o pai na criação de seus quatro irmãos. Diante das dificuldades, a educação dada pelos pais de Arthur sempre prevaleceu e se fez notar no seu caráter, no respeito ao próximo e na postura segura ao lidar com as diversas situações.

Conseguiu terminar apenas o ensino fundamental, adiando o término do ensino médio. Mas, isso nunca o impediu de trabalhar no que gosta: a edição. O contato com o jornalismo não ocorreu no espaço acadêmico, mas quando estagiou em uma produtora que ficava ao lado da escola onde fez o curso de Operador de Informática. Desde então, nunca mais parou ou achou outra profissão para a sua vida.

Com esforço diário, curiosidade e personalidade proativa, ele se manteve no ramo da edição acumulando experiência, e por esse mérito, foi selecionado para uma oportunidade de emprego na TV Itararé. Arthur procurou nunca concorrer a vagas de empregos ligadas a cotas para pessoas com deficiência. Assim também aconteceu com o emprego da TV Itararé. "Tenho condições de concorrer a vagas como qualquer outra pessoa, não sou impedido pela deficiência. Não tenho limites mentais e não faço com que meus limites físicos ultrapassem minha vontade. Sempre procurei não ir atrás de cotas, e sim concorrer normalmente como qualquer outra pessoa", relata.

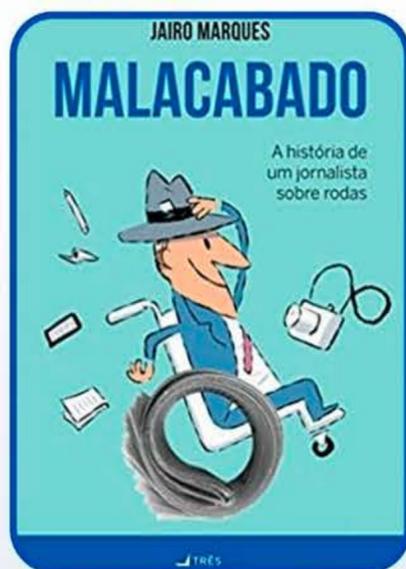
Há 12 anos trabalhando com jornalismo, independente de formação, Arthur sempre deu o seu melhor. Vendo profissionais saindo e entrando pelas portas da empresa onde trabalha, ele é consciente de seu desempenho, mas não se acomoda e coloca sua experiência de 23 anos como editor, no melhor que pode oferecer ao telespectador em forma de conteúdo jornalístico bem produzido e editado.

Quando questionamos sobre o preconceito no mercado de trabalho, ele diz que nunca se agarrou a conceitos como esse, sempre correu atrás de tudo e nunca fez disso um empecilho para a sua autoconfiança. "Sempre procurei aprender o que era necessário na minha área de edição, e desenvolver essas atividades da melhor maneira possível, para que através do meu trabalho, eu pudesse ser contratado", relatou. Confessa que estudar não era o seu forte, mas a obstinação sim, e isso o colocou na trilha do caminho que queria percorrer. Arthur procurou vencer todas as barreiras e mostrar talentos que todos diriam que não conseguiria adquirir. E isso veio de uma luta interna que ele mesmo travou e conseguiu ultrapassar. "Não devemos ficar para sempre guerrilhando contra algo que nos deixa parado e não no ideal, que seria nossos objetivos. [...] As lutas tem que vir de você, de seu interior, para você se aceitar e estar em paz consigo, e fazer com que tudo que seja seu objetivo, aconteça", diz Arthur.

Dicas

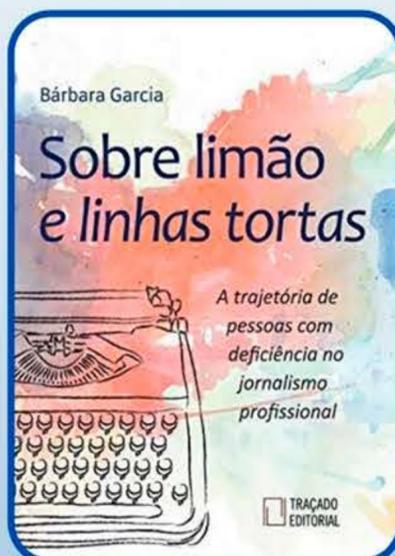
A internet reúne uma gama de conteúdos gratuitos que nos permite conhecer e entender as dificuldades que perpassam a sociedade ainda tão carente de medidas de inclusão social. Reunimos um compilado de dicas pra você leitor, assistir, seguir nas redes sociais, ler e entender um pouco mais sobre o assunto. Alguns desses livros estão disponíveis na internet com audiodescrição, técnica que transforma imagens em áudio, com riquezas de detalhes, criada para ajudar quem tem deficiência visual ou baixa visão.

Para ler



Fonte: Amazon.com

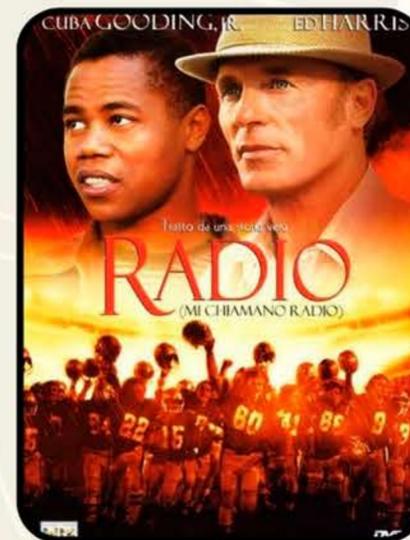
Malacabado - A história de um jornalista sobre rodas. O autor Jairo Marques narra suas experiências de jornalista, como pessoa com deficiência, repórter e colunista da Folha de S.Paulo. Através de relatos por vezes cômicos, a leitura permite sentir os desafios que uma pessoa com deficiência enfrenta no dia a dia para exercer suas atividades. O livro da editora Três Estrelas foi lançado em 2016, em São Paulo (SP).



Fonte: Amazon.com

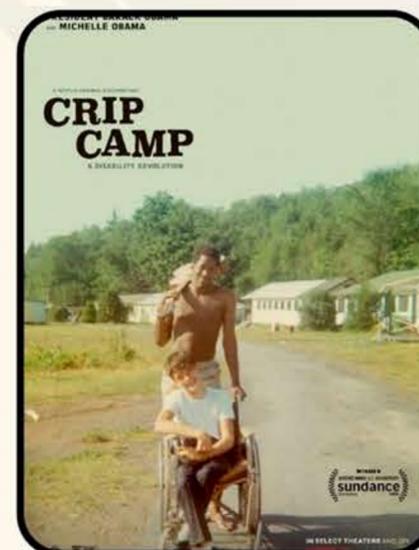
Sobre Limão e Linhas Tortas. A trajetória de pessoas com deficiência no jornalismo profissional. No livro publicado em 2018, pela editora Traçado Editorial, a autora Bárbara Garcia reúne em sua obra, entrevistas de vários jornalistas com deficiência, histórias reais que levam o leitor a tomar conhecimento dessas experiências e fatos curiosos.

Para assistir



cinedica.com

Meu nome é rádio - Com direção de Michael Tollin, lançado em 2003 nos EUA, o filme relata a história de um menino com deficiência intelectual e sua relação com um treinador de futebol americano. O longa-metragem apresenta a importância do esporte na vida das pessoas com deficiência, com foco no âmbito escolar, e como isso pode beneficiar a sociedade como um todo.



medium.com

Crip Camp: Revolução pela Inclusão - Com produção executiva de Barack Obama e Michelle Obama, o documentário lançado em 2020, retrata a história de um grupo de jovens com deficiência que se reúnem em um acampamento, fundado em 1951 e fechado após o verão de 1977, para diversão e, mais tarde, se tornam os principais responsáveis pela luta por direitos da pessoa com deficiência nos Estados Unidos da América.



pt.wikipedia

Hoje eu quero voltar sozinho - Com direção de Daniel Ribeiro, lançado em 2014, o filme conta a história de Léo, um garoto com deficiência visual, que tenta lidar com as dificuldades de aceitação em sua nova escola. A mãe superprotetora o impede de experimentar coisas novas, mas com a chegada de um aluno novo, Gabriel, Léo começa a trilhar seu trajeto em busca de liberdade e autoconhecimento. O filme retrata duas questões de importante discussão: a homossexualidade e a inclusão.

A pessoa antes da deficiência

POR MATEUS ARAUJO

Eu prefiro, ou melhor, eu sinto a urgência e necessidade de começar este percurso sendo bem sincera com você, leitor...

Afinal, estamos falando de jornalismo, e jornalismo para mim é lugar de verdade. Já fui muito silenciada durante a minha jornada, e eu me recuso silenciar a partir de agora.

Sim, eu percebo os olhares diferenciados para mim. Sim, eu percebo a forma que algumas pessoas se atordoam ao tentar mostrar naturalidade com a minha presença. Ou, em casos mais dolorosos, fazem questão de mostrar espanto com a minha presença. Eu gostaria de te dizer que está tudo bem, mas nem sempre está tudo bem, mas vou seguindo, dia após dia, passo após passo...

Equilíbrio. Acredito que essa é uma das tantas palavras que podem me definir. É uma vida buscando equilíbrio nos mais diversos aspectos.

Aqui quero deixar claro que não sou um caso de superação, sou um caso de adaptação. Sei que minhas dores não doem no outro, e a vida continua pra gente perceber que somos muito mais capazes do que imaginamos.

Não sou de entregar os pontos, tem a ver com recomeços diários. Me sinto privada de tantas coisas. Engulo seco. Mas não sou infeliz, coitada, pobrezinha, incapaz ou inútil. Mas te confesso, não me acostumei com os olhares, com a curiosidade alheia.

Entenda que a pessoa vem antes da deficiência. Bem antes, por sinal! Ah, e pode perguntar, viu? Estou aqui para te responder, mas espero que você esteja aí para buscar aprender, respeitar e incluir.



Revista
ATUAÇÃO

EDIÇÃO 1 | MAIO 2021